

Eu sonhei que voava  
E sentia a sensação de liberdade  
Ao meu lado um pássaro cantava  
E de longe avistei uma cidade

Eu me aproximei e vi muitos prédios  
Eles pareciam com seres humanos imóveis  
Parados, próximos, separados, e em pé  
Acometidos de tédio, olhando automóveis

Seres humanos feitos de pedras  
Organizados em linhas retas  
Conformados com sua imobilização  
Sem vida, sem coração, sem razão.

Pousei num desses prédios  
Ouvi vozes no seu interior  
“O mundo não tem remédio”  
“O mundo está com dor”  
“Mas não tem ação”  
“Só tem cidadão”.



Levantei voo e fugi para bem distante  
Prédios e homens não podem voar  
E por isso não podem me transformar  
Numa dessas pedras gigantes  
Coisas pequenas que julgam ser grandes

Cheguei numa floresta  
Lá o tem ar limpo e o verde floresce  
Uma criança brinca e ao mesmo tempo cresce  
Sem ver a placa que avisa que pouco tempo lhe resta  
Uma estrada será construída  
E a esperança será destruída

Pobre criança que será transformada em pedra  
Eu queria avisá-la e aconselhá-la:  
“Jogue o verde no cinza da cidade para transformá-la”  
Mas a capacidade de voar me retirou o dom da fala  
E a luta entre a pedra e a criança começava

Eu pensava que a criança já estava derrotada  
Mas eu não vi que tinha outras crianças na mata  
Elas corriam e cantavam e os pássaros lhes ajudavam  
Eu também cantei e ajudei, e o canto encantava

O cinza e as pedras recuavam, o verde avançava  
Os prédios se tornaram homens  
E os homens se tornaram crianças encantadas  
E eu me tornei uma criança encantada que falava e voava

